

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

## VERDADES ARQUEOLÓGICAS

SILVA, Rodrigo P. **Escavando a verdade:** a arqueologia e as incríveis histórias da Bíblia. 3.ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

Dr<sup>a</sup> Marivete Zanoni Kunz<sup>1</sup>

O autor da obra “Escavando a Verdade” possui formação em teologia e filosofia. É mestre em teologia histórica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Fez seu doutorado pela Pontifícia Faculdade de Teologia N. S. Assunção, em São Paulo. Tem experiência e participou de escavações em Israel, Espanha, Sudão e Jordânia. É professor na Faculdade Adventista de Teologia e da UNASP, membro da Society Biblical Literature e curador do Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork, no UNASP. Sua obra trata de evidências arqueológicas sobre fatos do Antigo Testamento e da vida de Jesus, para mostrar a veracidade dos textos bíblicos. O autor inicia abordando questões de arqueologia, mostrando o desafio desta tarefa no que diz respeito a identificação e métodos de tudo o que envolve a arqueologia.

Inicialmente o foco está no Egito e alguns achados, como a Pedra de Roseta, por ser este achado considerado o marco histórico que envolve a arqueologia bíblica moderna. Há também destaques para a Palestina e alguns pesquisadores que foram importantes, como William Faxwell Albright, pois, com suas contribuições, revelaram ao mundo céptico verdades das histórias bíblicas, por meio de achados arqueológicos. Ainda nos capítulos iniciais, Silva mostra como estão os debates sobre achados e questionamentos dos críticos, bem como tudo o que envolve um trabalho de campo com as diferentes equipes e capacitações específicas.

---

<sup>1</sup> A autora é graduada em Teologia e Pedagogia, mestra e doutora em Teologia. É professora da Faculdade Batista Pioneira e das Faculdades Batista do Paraná. E-mail: [marivete@batistapioneira.edu.br](mailto:marivete@batistapioneira.edu.br)

As técnicas utilizadas para datação e classificação de materiais são extremamente significativas, sendo este assunto desenvolvido no capítulo 4 da obra.

A partir do capítulo 5, o autor começa a desenvolver e falar daquilo que envolve questões bíblicas de forma mais direcionada, como por exemplo, a história de Adão. O texto escrito deixa muito claro, por meio da exposição de materiais encontrados no Antigo Oriente, que essa história não é lenda. Além da origem comum, o autor entra em questões que envolvem histórias dos primórdios da humanidade na Mesopotâmia, como o dilúvio. Com uma exposição excelente, são apresentadas listas com nomes e histórias similares às encontradas no texto sagrado; o autor não deixa dúvida da autenticidade dos fatos bíblicos.

No capítulo 8, o autor desenvolve o assunto ‘Babel e os patriarcas’, evidenciando que a história, de forma geral, mostra que o monoteísmo, e não o politeísmo, foi a primeira forma de religião seguida no mundo, o que veio a sofrer mudanças com o passar dos anos. Uma das causas das mudanças foram as guerras tribais, bem como a prática e ideia do henoteísmo. Esse inclusive, conforme o autor, deve ter sido o contexto em que surgiu Ninrode, guerreiro e fundador de várias cidades (Gn 10), entre elas Babel. Ao que parece, Ninrode, diante desse contexto, deve ter “se aproveitado da crescente onda politeísta/henoteísta para executar um mirabolante plano político: fundar um reino unificado pela religião que teria ele mesmo como principal monarca” (p. 71). Certamente, ele pensou em unificar politicamente a região e ter o controle das cidades-estados. Isso aconteceria se ele conseguisse promover a paz e se tornasse o procurador de todos os deuses. Foi por isso que ele promoveu esse tão gigantesco empreendimento.

O autor mostra a existência tanto de sítios arqueológicos, como de tabletes, que comprovam vários fatos descritos na Bíblia, tais como a torre de Babel e a localização de Ur dos Caldeus. Todos esses materiais estão expostos em diversos museus espalhados pelo mundo, os quais são citados na obra.

Com certeza, a arqueologia tem encontrado e comprovado a veracidade de vários relatos bíblicos. Os detalhes que o autor apresenta, sobre os locais e materiais encontrados, nomes de personagens bíblicos identificados em várias regiões, costumes locais, negociação de escravos com detalhes de preços e valores, ocupação de cargos de poder, a história de José com possibilidade de localização de sua morada e de sua família (cap. 9), entre outros, são simplesmente impressionantes e valiosos ao mundo acadêmico e cristão.

No capítulo 10, o autor fala de Moisés e do Êxodo. Ele traz relatos da vida deste personagem e sua história mostrando que os críticos não puderam negar a historicidade dos acontecimentos, mediante as descobertas que mostraram que os textos que relatam a vida deste personagem não podem ser meros relatos de mitos da Babilônia, mas sua história tem ligações com o Egito. Fatos como os relatos de Êxodo sobre a forma da fabricação dos tijolos revelam isso; ruínas que evidenciam as pragas do Egito e o lamento escrito por um antigo sacerdote egípcio chamado Ipuwer, que descreve fatos de Êxodo 7.14-24, também são significativos nessa história e corroboram para a comprovação da história do Êxodo.

No capítulo 12, o autor traz informações sobre as vitórias de Josué e questões culturais que envolviam os combates na posse de território. Materiais encontrados revelam que as

religiões canaanitas eram extremamente cruéis, inclusive piores que de Roma. Nesse sentido, foi bom e importante que os israelitas fossem rudes para sobreviver. Caso os israelitas não tivessem exterminado a grande maioria dos cananeus, tais costumes seriam assimilados ainda mais pelos hebreus e assim o padrão do povo de Deus seria baixado. Sendo assim, a selvagem forma de vida dos cananeus, “...e a sua mitologia grosseira, foram substituídos por Israel com sua simplicidade nômade e pureza de vida, seu elevado monoteísmo e seu severo código de ética” (p. 113).

Na sequência, nos capítulos 13, 14 e 15, há destaques para o período dos reis de Israel e achados, como a Estela de Tel Dã, que traz a inscrição “casa de Davi”, e mostra que esse personagem existiu de fato e era reconhecido e aceito no 9º século a.C. Além disso, há destaque para as tumbas reais, que foram encontradas quase intactas, e selo com o nome de Jeroboão, que pode ser o rei de Israel, citado na Bíblia. Nesse mesmo capítulo, o achado do túnel de Ezequias, um aqueduto muito sofisticado encontrado por garotos palestinos, tem destaque. Não somente o túnel de Ezequias, mas também selos monárquicos que identificam o rei Ezequias, foram encontrados, e Silva apresenta tais materiais. Fatos que comprovam histórias de reis como Jeú, Nabucodonossor, Belsazar, entre outros, são citados juntamente com os materiais que trazem veracidade a suas histórias.

A arqueologia e Jesus é contemplada nos capítulos finais do livro. Nessa parte do texto, Silva começa descrevendo o racionalismo do século 18, que atingiu a Europa, período esse que tinha por pretensão formar uma religião menos sentimental, e acabou fazendo distinção entre o Jesus Histórico e o Cristo da fé. Nessa concepção, o Cristo da fé seria um mito. A existência de Cristo e a confiabilidade dos Evangelhos é foco dos últimos capítulos apresentados por Silva. Para esses questionamentos, o autor mostra que as respostas para tais dúvidas surgem a partir das escavações na Palestina. Para o autor da obra mencionada, o período das escavações na Palestina trouxe provas, a partir da descoberta de documentos romanos e judaicos, da existência de Jesus de Nazaré. Um dos argumentos trazidos por Silva é o fato de Flávio Josefo, historiador do primeiro século d.C., citar Jesus. Além de Flavio Josefo, ainda há outros historiadores, como Tácito e Suetônio, que são importantes e ajudam a comprovar a história de Cristo.

Achados como o barco do mar da Galileia, comprovam a realidade de episódios do período de Cristo, algo questionado por minimalistas. Há vários achados, tais como: o ossuário de Tiago, que contém a mais antiga menção do nome de Jesus fora dos escritos bíblicos; o palácio de Pilatos, localizado na Cesareia Marítima; a pequena e modesta vila de Nazaré, que vai ao encontro da fala de Natanael em João 1.46; Cafarnaum e sua Sinagoga; a Casa de Pedro. Cada um destes locais e construções são expostos por Silva, mostrando os costumes orientais na forma de construir, a presença de símbolos cristãos nesses locais, as explorações que aconteceram ali e achados, que confirmam a veracidade e sua conexão com o relato bíblico.

As dúvidas, questionamentos e diálogos que surgiram após a apresentação de cada material arqueológico encontrado é exposta ao leitor, bem como, os argumentos que derrubaram tais dúvidas apresentadas, de forma muito especial por grupo de minimalistas, tanto no que diz respeito a descobertas relacionadas com texto do Antigo como do Novo

Testamento. Percebe-se que muito do que envolve achados arqueológicos, como por exemplo, a localização da rota do Êxodo, algumas cidades conquistadas por Josué, bem como, achados do período da conquista de Canaã, no Tell Hesban, fomentam discussão entre os especialistas, pois não conseguem chegar a resultados definitivos. Entretanto, ainda assim, muitos desses achados podem ser considerados “numa categoria de historicidade bastante plausível” (p. 105).

O texto faz uso de materiais de cunho histórico e arqueológico, na busca de trazer mais compreensão da Bíblia. Evidentemente, a Bíblia é respeitada e valorizada, por isso o material é recomendado a todos que buscam mais conhecimento e comprovação da veracidade histórica tanto de textos do Antigo Testamento como do Novo Testamento. O uso de tabelas, gráficos, imagens e versículos bíblicos, auxiliam na leitura do livro e trazem mais compreensão ao conteúdo.